



ISSN: 2310-0036

Vol. 2 | Nº. 10 | Ano 2019

João Abílio Lázaro, M.A.

Universidade Católica de Moçambique

jlazaro@ucm.ac.mz

Anor Sganzerla, Ph.D

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Anor.sganzerla@gmail.com

O Personalismo de Emmanuel Mounier, a dignidade da pessoa humana e a crise de valores na Sociedade Moçambicana

Resumo

Diante das crises sociopolíticas e económicas do século XX, o personalismo de Emmanuel Mounier (1905-1950) foi caracterizado pela resistência à absorção da vontade humana, pelo coletivismo, defendendo o valor da singularidade da pessoa humana. Mounier adoptou essa ideia a partir da ética kantiana de tratar o ser humano como um fim em si mesmo, e não como um meio para servir interesses e desejos de outrem. Entretanto, apesar de nos encontrarmos num século que, através do uso da razão, o homem alcançou muitas conquistas para o bem-estar da humanidade, a mesma conquista não conseguiu resolver os grandes desafios apresentados pelas crises morais provocadas pelo mesmo homem. Em muitas situações, a razão foi e, ainda é, usada em prejuízo de outros seres humanos. Diante disso, usando uma metodologia qualitativa-hermenêutica e usando a literatura produzida dentro desta área, este artigo, que se enquadra dentro da abordagem sociocultural e religiosa do personalismo, procura discutir a problemática da crise de valores morais na sociedade moçambicana, dentro do personalismo (filosófico) de Emmanuel Mounier.

Palavra-chave: Personalismo; linchamentos; dignidade humana.

Abstract

In the face of the socio-political and economic crisis that characterised the 20th Century, Emmanuel Mounier's ethics of personalism (1905-1950) was characterised by resistance to the absorption of the human will in the hands of collectivism in defending the value of the uniqueness of the human person. Mounier adopted such ideas based on the Kantian ethical perspective of treating all human beings as ends in themselves and not merely as means to satisfy other people's desires and interests. However, although we are in a century that, through the use of reason, man has achieved many accomplishments for the wellbeing of humanity, he has not been able to solve the greatest challenges posed by the moral crisis that have been caused by the same man. In most situations, human reason has been and still is used to the disadvantage of other human beings. For these reasons, using a qualitative-hermeneutical approach, through literature review analysis, this article aims to discuss the crisis of moral values in the Mozambican society, within the context of Emmanuel Mounier's philosophical personalism.

Keywords: Personalism; lynching; human dignity.



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

1. Introdução

Antes de se discutir o tema do personalismo (do latim, *persona*, que significa pessoa ou personalidade), é importante salientar a existência de muitos tipos de personalismos, por existir “uma dezena de doutrinas personalistas que, na essência, não têm nada em comum, senão a palavra ‘pessoa’ (Williams e Bengtsson, 2013 e Martain, 1947). Assim, dos diferentes tipos de personalismos existentes, é, também, importante salientar que esta doutrina apresenta, como seu valor e sua realidade suprema, a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, focalizando no seu significado, unicidade inviolabilidade e na sua dimensão relacional e comunitária (Williams e Bengtsson 2013). Emmanuel Mounier (1967, p. 84) sustenta esta posição explicando que

Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação, [como imagem e semelhança de Deus].

O filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993) apoia-se numa ideia semelhante para, também, tratar da “imagem” do homem a ser preservada. Na essência, para este pensador, as imagens são utilizadas pelo homem para representar e interpretar o mundo e a si mesmo. Assim, a utilização do termo “imagem” é significativa e, de certo modo, expressa um fundo religioso da espiritualidade judaico-cristã, em que “o homem é feito à imagem de Deus”. A produção de imagem supõe uma distinção entre o objecto que serve de “modelo” e a imagem que dele é produzida.

Com isso, em Filosofia de Religião, supõe-se que o objecto seja Deus e a imagem seja o homem, pois, há imagem somente quando a propriedade da semelhança está presente, e esta semelhança é produzida intencionalmente. Isso quer dizer que, uma imagem é sempre uma analogia e não uma identidade de alguém ou de alguma coisa na medida em que o objecto é imagem da coisa natural, mas a coisa natural não é imagem do objecto. Assim, a semelhança cumpre, portanto, uma função no terreno do saber, como critério de adequação da imagem da coisa representada.

A partir do que foi exposto acima, percebe-se que pelo facto de os personalistas estarem interessados em investigar a experiência, o estado e a dignidade da pessoa humana, eles consideram a pessoa humana como sendo a imagem de Deus, o ponto inicial da reflexão filosófica ao nível epistemológico e ontológico. Assim, o personalismo filosófico (que será a base de orientação deste trabalho) é entendido como sendo uma corrente de pensamento,

desenvolvida em Filosofia da Religião, que reconhece a pessoa humana como sendo a suprema realidade criativa com elevado valor espiritual existente no universo. Esta corrente de pensamento considera o mundo inteiro como sendo a manifestação da criatividade de uma entidade suprema, que é Deus, e a maior expressão dessa criatividade (divina) manifesta-se na sua imagem, que é a pessoa humana (Zaverszhenets, 2003, p. 20).

2. Origem do personalismo de Mounier

Considerando que, para Mounier, o homem está em constante construção, tornar-se verdadeiramente pessoa não se reduz ao facto de cada um ter nascido e existir como um ser humano. Ao contrário, ele entende que tornar-se verdadeiramente pessoa é uma realidade que coincide com o movimento da história humana em busca de uma maneira civilizada de vivência entre os humanos. Assim, o personalismo mounieriano surge como resposta às crises sociopolíticas, económicas e financeiras que aconteceram entre 1929 e 1933, em quase toda a Europa, diante das ofensas do fascismo e do totalitarismo à dignidade da pessoa humana, representada como imagem e semelhança de Deus. Nesta situação, os personalistas entenderam esta crise não tanto ao nível político ou económico, mas, sim, ao nível humanitário. Isto levou Mounier a usar a revolta socrática para, através do cristianismo, resgatar valores humanos que tinham sido usurpados da pessoa humana, pelos sistemas políticos vigentes na época (Zaverzhenets, 2003). Para tal, igual aos seus companheiros personalistas franceses, Mounier “lutou contra a desordem estabelecida pelo nazismo e do fascismo, [do mesmo modo que] foi feito prisioneiro das forças alemãs, teve várias condenações e privações, mas lutou com o todo vigor” em defesa dos ideais que ele acreditava que beneficiariam a pessoa humana (Silveira 2012, p. 3).

É por essa razão que o personalismo filosófico é caracterizado pela defesa dos direitos de seres humanos livres e criativos, numa situação de comportamentos desumanos, com vista a combater sistemas políticos de ideias fixas que violam a liberdade da pessoa humana e o seu desenvolvimento. Nesse tipo de sistemas políticos, espera-se que os indivíduos possam adequar os seus planos de vida aos interesses dos seus respectivos Estados e encontrar, nos mesmos, o apoio necessário para a sua sobrevivência. Por essa razão, Mounier defende que em situações de Estados monolíticos desta natureza, a pessoa humana não pode ser caracterizada como um sujeito livre para agir em função dos seus interesses e programas, mas sim, em função dos planos traçados pelo seu respectivo Estado.

<http://www.uem.br>

Para ele, movimentos políticos dessa natureza tiveram a sua maior expressão a partir das ideias impersonalistas que dominaram o século das luzes (iluminismo) e o romanticismo, manifestados em forma de panteísmo e idealismo, a partir de Baruch Spinoza (1632-1677) até Georg W.F. Hegel (1770-1831). Tendo como referência o idealismo absoluto de Hegel, constata-se que este sistema político defendia o Estado como sendo a encarnação da ideia perfeita do divino na terra. A implementação deste pensamento teve consequências negativas para a sociedade da época porque, partindo da ideia hegeliana e posteriormente marxista de perfeição do Estado, que se comparava à perfeição divina, concluiu-se que as decisões que os Estados tomavam não podiam ser questionadas nem desafiadas. Essa ideia surgiu a partir do pressuposto de que, se o Estado é comparado à Deus, e Deus é perfeito, então, o Estado também é perfeito. Por essa razão, toda e qualquer decisão que dele vier, não pode e não deve ser questionada pelo facto de os seres humanos serem imperfeitos e assim dependentes tanto de Deus como do Estado para a sua existência e sobrevivência.

Ao nível de sua implementação, essas doutrinas foram, mais tarde, sendo transformadas em formas impersonalistas de materialismo que tiveram como fim, a formação do Marxismo. Esta doutrina considerava o homem como sendo um ser essencialmente colectivista. Por sua vez, o colectivismo teve, como fim, o surgimento do determinismo histórico impersonalista que defendia que o destino humano e o seu desenvolvimento já estavam previamente determinados pela natureza política do homem. Assim, o homem precisava simplesmente de obedecer aos ditames estabelecidos pelas estruturas políticas vigentes, pelo facto de, como Deus, estas terem conhecimento prévio do fim da história, que visava buscar o bem da humanidade. Entretanto, estas duas doutrinas, nomeadamente o Marxismo e o colectivismo, contribuíram para o surgimento e sustento do totalitarismo, no século XX, manifestos através de sistemas políticos como o Nazismo e Leninismo, levando à subordinação da vontade humana aos interesses de partidos e sistemas políticos vigentes na época.

3. A Resposta de Mounier em defesa da dignidade humana

Em resposta aos problemas acima apresentados, o personalismo filosófico Mouneriano foi caracterizado pela resistência à absorção da vontade humana, através do colectivismo, defendendo o valor da singularidade da pessoa humana. Mounier adoptou essa ideia a partir da ética kantiana que exige que se trate o ser humano como um fim em si mesmo, e não como um meio para servir na prossecução dos interesses e desejos de outras pessoas, externas ao sujeito em causa (Kant, 2012). É por essa razão que, o personalismo de Mounier defende que “o Estado,

os partidos políticos e outras instituições adjacentes ao Estado existem para servir os interesses dos seus cidadãos e não o contrário” (Williams e Bengtsson 2013).

Porém, a rejeição do colectivismo, do materialismo e do idealismo determinístico não significa que o personalismo estaria a favor do individualismo. Por sua vez, o personalismo também se opôs a esta doutrina por esta também ser resultado do racionalismo e do romanticismo, que ignoravam a promoção de valores de solidariedade e de relações interpessoais saudáveis para a boa convivência entre os humanos. Ao fazer isso, o personalismo filosófico também rejeitou o utilitarismo, por esta doutrina usar as pessoas como instrumentos a serem usados em benefício dos outros. Neste sentido, o que o personalismo aprova e encoraja é o facto de pessoas voluntariamente procurarem ser úteis umas às outras através da caridade e da solidariedade. É por essa razão que Mounier defende que enquanto “a primeira condição do individualismo é a centralização do indivíduo em si mesmo, a primeira condição do personalismo é a descentralização, de modo a colocá-lo diante das perspectivas abertas da vida pessoal” (Mounier citado por Williams e Bengtsson, 2013).

Karol Wojtyła (2005), posteriormente conhecido por Papa João Paulo II, apoia a posição defendida por Mounier por criticar os extremos do individualismo e do colectivismo, argumentando que enquanto o maior erro do individualismo é o facto deste colocar o bem individual acima do bem comum, da colectividade, tentando subordinar a colectividade a eles mesmos e usá-lo para o seu bem individual, o maior erro do colectivismo é o facto deste focalizar no alegado bem para todos, subordinando as pessoas à sistemas políticos ditatoriais, de tal maneira que o seu verdadeiro bem foi excluído, tornando-as vítimas da colectividade. Para o Papa São João Paulo II (2005), isso acabou por produzir os piores frutos possíveis do totalitarismo, em detrimento da dignidade da pessoa humana.

Diante destas crises, o grupo de personalistas de que Mounier fez parte defendeu a pessoa humana como sendo o critério através do qual a solução à crise devia ser criada. No seu artigo “*Refaire la Renaissance*”, que apareceu no primeiro número da revista *Esprit* (1932), ele propôs a necessidade de se separar/dissociar o mundo espiritual do mundo materialista - *bourgeoisie*. Para Mounier, o materialismo – *bourgeois*- era o resultado de um individualismo crescente que a sociedade experimentou desde o Renascimento, e este individualismo gradualmente perverteu valores espirituais. Assim, Mounier entende que quando os seres humanos não têm amor nem sabem qual é o significado da sua existência, por deterem muito poder, eles “tornam-se caçadores de propriedades e conforto” (Deweert, 2013, p. 8).

<http://www.comme.me>

Para resolver esses problemas, Mounier prima pela importância do mundo espiritual do indivíduo, negando a ideia do materialismo dialético de Karl Marx (1818-1883) em que o fim da história era entendido como sendo a criação de um paraíso na terra, com vista a resolver os atritos e desequilíbrios económicos que existiam entre os ricos e pobres, ao mesmo tempo provocando injustiças na sociedade. Entretanto, como podemos perceber através do Papa Leão XIII (1810-1903), de Karl Popper (1902-1994), de Friedrich Hayek (1899-1992), de Michael Oakeshott (1901-1990), do Papa João Paulo II (1920-2005), do próprio Mounier, entre outros, a implementação destas ideias produziu os piores resultados na política do século XX, por infringir contra a dignidade e a liberdade da pessoa humana (Arendt citada por Souki, 2006). Para Mounier, a única e autêntica maneira de haver progresso na sociedade é somente transcendendo essas situações, e não esperar pela realização de um paraíso na terra.

Para isso, Mounier defende que as reacções tradicionais políticas e religiosas da época não eram a solução para o problema. Havia necessidade de uma revolução autêntica que passasse pela criação de um novo humanismo. Esse novo humanismo exigia um diálogo constante e aberto com a situação e a sociedade em que cada um se encontrava inserido. Nesse diálogo, a pessoa humana devia ser caracterizada pela responsabilidade que ela devia ter diante da sociedade em que ela está inserida, diante dos outros seres humanos e não humanos, diante da natureza e diante do destino de toda a humanidade (Bosa, 2008 e Resende, s.d.). É por essa razão que esse novo humanismo é “baseado numa filosofia existencialista em que o despertar pessoal coincide com o despertar comunitário. Essa atitude filosófica encerra a negação do individualismo, a recusa do niilismo e a rejeição do espírito corporativista” (Mariano, 2009).

Segundo Jaison Bosa (2008, p. 38), Mounier entende que “o homem não pode viver no e com o mundo numa relação de indiferença, de inautenticidade e de dormência. É necessário despertar. [Esse] despertar inicia na infância e [...] não tem por finalidade moldar a criança ao conformismo do meio social ou das doutrinas do Estado”. É por essa razão que Mounier (2004, p. 101), defende que “uma teoria de ação não é [...] um apêndice ao personalismo, é [sim] o seu capítulo central”. Nestes moldes, Mounier partilha o mesmo sentimento com Paulo Freire, quando o segundo defende que para que as pessoas possam ser agentes de transformação da sociedade onde elas se encontram, estas precisam de aprender a questionar e a problematizar todas as situações que acontecem à sua volta. Para Freire (1985, p. 70), “Quanto mais (...) problematizarem como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Desafiados, compreendem o desafio na própria acção de captá-lo [...] num plano de totalidade, e não como algo petrificado. A compreensão resultante tende a tornar-se [...] crítica, por isso, cada vez mais desalienada”.

Assim, depois deste questionamento, como Mounier, Freire argumenta que estes indivíduos precisam de ser os agentes da transformação que desejam ver para o mundo em que eles se encontram, pois, “não há libertação que se faça com homens e mulheres passivos. É necessário que haja consciencialização e intervenção no mundo” (Freire citado por Pereira, 2012). Diante desta exposição sobre o pensamento de Emmanuel Mounier, resta reflectir sobre a relevância que o seu pensamento teria para a sociedade moçambicana. Esta será a tarefa do ponto a ser tratada nos parágrafos que se seguem.

4. A Relevância do pensamento de Mounier para a sociedade moçambicana

No final do seu livro intitulado *O Personalismo* (1949), Emmanuel Mounier argumenta que o seu maior desejo era de ver a palavra personalismo esquecida. Mounier (1950, p. 133) fala desta situação nos seguintes termos:

As posições esboçadas nestas páginas são discutíveis e estão sujeitas à revisão. Estas têm liberdade de não terem sido pensadas na aplicação de ideologias recebidas, mas foram descobertas progressivamente, com a condição do homem do nosso tempo. Todo personalista só pode desejar que elas acompanhem o progresso dessa descoberta e que a palavra “personalismo” seja um dia esquecida, porque não haverá mais necessidade de atrair as atenções sobre aquilo que deveria ser a própria banalidade do homem.

Esta posição é curiosamente provocante e aparentemente contraditória com o pensamento do próprio autor pois, segundo Carlos da Silva (2012, p. 3), Mounier “dedicou toda a sua existência na defesa da pessoa [humana]. Através do seu personalismo comunitário, [ele] pretendeu despertar as pessoas para que estas vivessem com dignidade a sua presença encarnada, harmonizando-se e ajudando a humanizar o mundo”. Estas actividades foram desenvolvidas enquanto ele vivia o seu fervor humano e a sua convicção cristã em defesa da vida humana, [lutando] contra os sistemas opressores da época”. Visto nesta perspectiva, o desejo de Mounier, de ver a palavra personalismo esquecida, deve-se ao facto de esta ter surgido para responder à “banalidade do homem”, para usar estruturas sócio-políticas e económicas existentes na época para torturar e matar seres humanos. Isso significa que, a partir do momento em que não houvesse mais violações à dignidade da pessoa humana, não haveria mais necessidade da existência do personalismo.

Entretanto, nos tempos em que vivemos, principalmente no nosso País, este sonho parece estar longe de ser alcançado, pois, como diria Tomás Hobbes, na sua obra *Leviatã*, o moçambicano tornou-se o lobo do outro moçambicano. Este posicionamento deve-se ao facto de se encontrar, neste País, situações onde, por exemplo, inseguros da acção policial, muitos cidadãos optam por linchar os seus próprios concidadãos quando estes são flagrados a roubar. Noutras situações,

<http://www.observador.pt>

constata-se haver total insensibilidade da parte de muitos cidadãos, pois, por exemplo, em vez destes acudir ou salvarem um ser humano igual quando este se encontra em apuros, deparamo-nos com situações onde muitas pessoas preferem ignorar tais situações, ou simplesmente limitarem-se a tirar fotos e filmar para disponibilizar nas redes sociais. Estas são situações extremamente despersonalizantes e que precisam não só de reflexão, mas, também, de mudança de acções e de comportamento, por parte de todos.

Por exemplo, no dia 1 de Setembro de 2017, a cidade da Beira foi surpreendida com a triste notícia da morte de um guarda nocturno por este ter sido atacado por cães, no Bairro do Aeroporto (Jornal a Verdade, 30 de Agosto de 2017). O mais triste dessa situação é que enquanto os cães atacavam e matavam o referido guarda, havia pessoas, no local, que filmavam o evento para enviá-lo às redes sociais, em vez de procurarem acudir e salvar a vida do referido guarda. De facto, em situações desta natureza, cada um de nós devia sentir-se na obrigação moral de zelar pelo bem-estar das pessoas que estiverem à sua volta, pois, a história que acaba de ser relatada não se diferencia de quem não se importa com a vida dos outros porque a dele está bem. Isto é sintomático de uma sociedade que perdeu os valores morais da caridade, da compaixão e da solidariedade, passando a se tornar niilista por não seguir nenhum princípio social, político, religioso ou moral para uma boa convivência moral entre seres humanos.

O oposto disso é o que chamaríamos de “caridade comercial”, que também faz parte das crises morais da sociedade moçambicana. Esse aspecto também precisa de reflexão e mudança de comportamento por parte de cada um dos moçambicanos. Para melhor entendimento do termo ‘caridade comercial’ e suas implicações sociais no País, exploremos este assunto nos parágrafos que se seguem.

4.1 A Caridade comercial em Moçambique

Na sua obra *Dalla Proprietá Capitalista Alla Proprietá Umana* (1983), Mounier levanta a questão da caridade e da solidariedade que devemos ter, não só com os necessitados como também entre todos os seres humanos, apontando principalmente para o dever que cada um tem de ajudar os mais carenciados (pobres) como um dos pressupostos de uma boa convivência social. Neste debate, ele considera que o acto de ajudar os mais carenciados e necessitados é um dever, pois, para ele, “as coisas que possuímos com superabundância são devidas, pelo direito natural, ao sustento dos pobres” (1983, p. 94), daí que ele justifica que “Os indigentes são os destinatários naturais do supérfluo de todos porque a desigualdade das riquezas é uma injustiça” (1983, p. 94).

Este argumento encontra sustento em dois pensadores contemporâneos, sendo o primeiro, o filósofo americano John Rawls (1921-2002) e o segundo o Papa Bento XVI. Começando por Rawls, é de salientar que nas suas obras *Uma Teoria de Justiça* (1971) e *Justiça como Equidade* (1985), ele defende a obrigatoriedade moral que temos de partilhar os nossos bens materiais com os mais carenciados, pelo facto de os talentos que possuímos e usamos na aquisição desses bens pertencerem à humanidade inteira e não somente a nós. A pesar de não abordar o mesmo tema no contexto do dever moral kantiano, como Rawls o faz, na sua obra *Caridade na Verdade* (2009), o Papa Bento XVI defende a caridade como sendo um dever moral que não precisa de ser legislado pelo homem, por este já estar legislado pela lei do amor divino, existente no próprio homem. Assim, ele explica que “Pela sua estreita ligação com a verdade, a caridade pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade e como elemento de importância fundamental nas relações humanas” (Bento XVI 2009, p. 3). Entretanto, Bento XVI prima por uma caridade sustentada pela verdade, pois, “Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida”, para a mesma não cair no mero sentimentalismo e não se correr o risco de se viver o amor (caridade) “numa cultura sem verdade” (Bento XVI 2009, p. 3).

Esta reflexão é também pertinente para uma discussão sobre o personalismo porque nos dias que correm, principalmente no nosso país e, concretamente, em tempos de calamidades naturais e penúria, urge questionarmos e, se possível, corrigirmos algumas práticas despersonalizantes que tem vindo a se observar em relação à caridade com os mais carenciados. De facto, na maior parte das situações, a sociedade moçambicana tem-se deparado com algumas práticas de caridade ao nível empresarial em que, em nome da responsabilidade social, observada em muitas situações, encontramos empresas e outras instituições que, quando desejam realizar uma doação, ou um acto de caridade, estas tendem a publicitar tal acto através dos meios de comunicação social. Noutras situações, encontramos empresas que, após terem encorajado os seus funcionários à doação de sangue, por exemplo, observa-se que estas aproveitam-se destes momentos, onde deviam desempenhar um acto por mera obrigação moral e empresarial, para fazerem publicidade barata, na imprensa. Neste sentido, como diria Michael Sandel (2012), tais actos são moralmente questionáveis pois, essas empresas fazem a coisa certa, que é a caridade, pelo motivo errado, que é a publicidade, o que nos leva a questionar se o que elas estão a fazer é caridade ou não.

Para este tipo de situações, Mounier (1983) e o Pontifício Conselho de Justiça e Paz (2006) alertam-nos para necessidade de se perceber que a verdadeira caridade pressupõe a prática da justiça, pois, como se mencionou acima, “o excedente às nossas necessidades [é produto de nossa] violência”, porque tais excedentes deviam ser entendidos dentro dos limites do destino universal dos bens materiais que, a prior, deviam estar ao serviço e usufruto de todos,

<http://rela.com.mz>

principalmente dos mais carenciados. Isso significa que urge que se repense sobre a necessidade não só de as empresas, como também de cada cidadão, colocarem a caridade no seu verdadeiro lugar e com o seu verdadeiro significado pois, para que a caridade seja verdadeira, é preciso termos em mente a sabedoria evangélica de não tocarmos a trombeta quando damos esmola ([Mateus 6: 2-3](#)). Quando assim acontece, em vez desta ser verdadeira, esta acaba-se tornando moralmente questionável por usarmos esta, e as pessoas que dela se beneficiam, como sendo meios (meros instrumentos) para alcançarmos os nossos interesses pessoais. Vista desta maneira, a caridade torna-se despersonalizante para quem dela devia se beneficiar. Isto significa, mais uma vez, que a sociedade moçambicana precisa de recuperar o valor da caridade e da solidariedade e olhá-las não em função de estas beneficiarem quem dá, mas sim, em função de as mesmas beneficiarem a quem recebe, para esta ser verdadeira.

5. Considerações finais

Partindo do debate aqui levantado, é importante salientar que se Mounier ainda estivesse vivo, certamente que ele não estaria totalmente desiludido com o seu sonho de ver o personalismo esquecido, pois, este sonho ainda não se realizou. Esta observação seria evidente não só pela tendência constante de o homem querer dominar o outro, mas, também, pelo facto de haver tendências de abandono de uma ética colectiva para a adopção de uma ética individual. Este artigo desenvolveu uma reflexão em torno do personalismo de Emmanuel Mounier para olhar a crise de valores morais, principalmente da caridade e da solidariedade no seio da sociedade moçambicana. Constatou-se que a perda destes valores tem as suas consequências na mesma sociedade.

Por essa razão, a recomendação que este trabalho deixa, principalmente para a sociedade moçambicana, é que as pessoas precisam de construir uma sociedade enraizada em bases morais sólidas, abraçando um novo humanismo acompanhado de uma verdadeira caridade e solidariedade, como Mounier sugere, em vez de as mesmas pessoas usarem-se umas às outras em função do poder material, económico, social e político. Fazendo isso, a sociedade moçambicana pode ser mais humana, solidária e saudável, tanto para a presente geração, como para as gerações futuras.

Referências bibliográficas

- Bosa, J. Paulo (2008). A pessoa e a Educação no Pensamento de Emmanuel Mounier. Recuperado de https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/filosofia_licenciatura/2008/jpbosa.pdf.
- Deweert, D. (2013). The political theory of personalism: Maritain and Mounier on personhood and citizenship. *International Journal of Philosophy and Theology*. Routledge. Recuperado de <https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/411862/1/IJP%26T+gepubliceerd.pdf>.
- Freire, P. (1985). *The politics of education: culture, power and liberation*. London: Bergin & Garvey. Publishers, Inc.
- Jornal “A Verdade” (30 de Agosto 2017). Cães de guarda atacam e matam cidadão na Beira. Recuperado de <http://www.verdade.co.mz/newsflash/63276-caes-de-guarda-atacam-e-matam-cidadao-na-beira->.
- Kant, I. (2012). *The Groundwork for the Metaphysics of Morals*. Cambridge University Press, Cambridge. Recuperado de http://assets.cambridge.org/97811070/08519/frontmatter/9781107008519_frontmatter.pdf.
- Mariano, L. (2009). [Doutrinas Filosóficas](http://evangelistamariano.blogspot.com/2009/12/sim-filosofia-tem-doutrinas.html): Filosofia Analítica. Recuperado de <http://evangelistamariano.blogspot.com/2009/12/sim-filosofia-tem-doutrinas.html>.
- Mounier, E. (2004). *O personalismo*. São Paulo: Centauro.
- Mounier, E. (1983). *Dalla proprietà capitalista alla proprietà umana*. Trad. de G. Campanini. Brescia: Ecumenica.
- Mounier, E. (1967). *Manifesto ao serviço do personalismo*. Lisboa: Morais Editora.
- Mounier, E. (1932). *Refaire la Renaissance plus que jamais*. Recuperado de <http://www.esprit.presse.fr/article/esprit/1932-2012-refaire-la-rennaissance-plus-que-jamais-37317?content=Refaire+la+Renaissance>.
- Papa Bento XVI (2009). *Caridade na Verdade*. Recuperado de http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.
- Pereira, J. (2012). A Descentralização ajuda a reduzir a pobreza política em Moçambique? In Luís de Brito, L. et al (org) (2012). *Desafios para Moçambique*. Maputo: IESE.
- Pontifício Conselho de Justiça e Paz (2006). *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Braga: PRINCIPIA.
- Rawls, J. (1971). *A Theory of Justice*. Harvard: Harvard University Press.
- Rawls, J. (1985). *Justice as Fairness*. Harvard: Harvard University Press.
- Resende, A. (sd). *A Educação Personalista de Mounier*. Recuperado de http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/1003_867.pdf.
- Sandel, M. (2012). *What Money Can't Buy: The Moral Limits of Markets*. New York: Farrar Strauss and Giroux.
- Souki, N. (2006). *Hannah Arendt e a Banalidade do Mal*. 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Thomas W. & Bengtsson, J. (2013). *Personalism*: Stanford Encyclopedia of Philosophy. Recuperado de <https://plato.stanford.edu/entries/personalism/>.
- Wojtyła, K. (2005). *Mi visión del hombre*. Madrid: Ediciones Palabra.

<http://www.koed.hu/mozaik11/tatsiana.pdf>

Zaverzhenets, T. (2003). The Personalism of Emmanuel Mounier. Recuperado de <http://www.koed.hu/mozaik11/tatsiana.pdf>.
